

“Não terá sido Vieira, o dos sermões famosos, a seu modo um ensaísta?”

Gilberto Freyre¹

Luiz Felipe Baêta Neves*

RESUMO

O artigo mostra como Gilberto Freyre é um permanente (re)leitor de seus próprios textos; como os transforma e, mesmo, os contradiz. Não há, pois, nenhuma “única definição correta” na obra de Freyre. O ensaísmo, característico de sua obra, foi duramente atacado, em certo período, e teve que ser defendido, também pelo uso da retórica, pelo autor. Palavras-chave: antropologia; ensaio; retóricas.

SUMMARY

The article shows why Gilberto Freyre is a permanent re-reader of its own texts, transforming and even contradicting them. Therefore, there is no “unique correct definition” of Freyre’s works. The essay, which is characteristic of his work, was strongly criticized for a certain time and the author also defended it making use of rhetoric.

Key words: anthropology; rhetoric; essay.

RESUMEN

El artículo muestra Gilberto Freyre como un permanente (re)lector de sus propios textos y como él los transforma y, hasta, los contradice. No hay, por lo tanto, una “única definición correcta” en la obra de Freyre. El ensayismo, característico de su obra, fue duramente atacado, en cierto período, y tuvo que ser defendido, también, con el uso de la retórica, por el autor.

Palabras-clave: antropología; retórica; ensayo.

No “Prefácio do Autor”, de Gilberto Freyre, em *Alhos e Bugalhos* encontramos (encontrei) uma verdadeira lição de acaso, uma curiosa descoberta que se foi deslocando, da *possibilidade de leitura*. Dispo, desde logo, a tonalidade jactanciosa da expressão: “possibilidade de leitura”. E procuro recuperar sua “potência” simples: (uma) maneira de ler, entre outras.

Mas atenção, para o leitor de Gilberto Freyre, o texto nunca é (será) um texto qualquer. Poderá ser redargüido que a afirmação feita vale para qualquer autor e qualquer texto. O que pode ser verdadeiro ou, para ser preciso, parcialmente verdadeiro. O texto freyreano não é “qualquer” por várias razões. Temos possibilidade (espaço e competência) para, aqui, apontar algumas peculiaridades do que assevero.

Vejamos, de pronto, algumas tentativas de definição de palavras-chave do que poderíamos chamar, em atenção ao escopo de Gilberto, de “texto de conhecimento”. Mas não é bem só de “conhecimento” que se trata, nem só de “texto”. Fala-se – *sem se citar de modo algum a expressão* – de uma espécie de “texto ideal” que incluiria, como iremos procurando evidenciar, de arte, a conhecimento, escrita, estilo, linguagem, etc. Enfim, um leque de substâncias, estilos, tons e intenções que acabaria por constituir o saber.

Sagazmente, Gilberto Freyre passa a idéia, tão estrutural quanto estilisticamente palatável, de uma *necessidade de existência* e de *coexistência* das diversas formas pelas quais se faria expressar o conhecimento. Assim, nenhum *modo* ou nenhuma *substância* de expressão estaria isolada uma da outra; todas as formas de manifestação do fenômeno social seriam partícipes de um mesmo jogo, sem que pudessem abrir mão de tal convívio, inusitado para muitos dos que se opunham a estas novas maneiras de se ver a sociedade brasileira.

Na verdade, Gilberto Freyre é uma *novidade radical* por ser um singular *leitor de si mesmo*. Gilberto Freyre, no texto em questão, volta a velhas questões, que são e serão suas, de uma forma que surpreende o leitor. Não porque sejam novas questões ou novas e/ou espetaculares versões ou respostas de idosas perguntas (feitas eventualmente por ele mesmo).

Não; é porque Gilberto adora (por *desejo* político e de linguagem) embaralhar seus próprios textos; mistura palavras, saltimbanca termos,

constata... oxímoros, contradiz consensualidades, traduz errado o que tinha correspondido certo entre línguas, linguagens. O texto de Gilberto, então, nada tem da tolice daqueles que adoram se deslumbrar diante do *novo*, do *totalmente novo*, do *novo absoluto*.

Ora, o que Gilberto faz é exatamente *negar* este fetichismo da novidade como se fora um demiurgo do jamais-dito. O que ele faz é *refazer* e *novamente desfazer* um conjunto de palavras que são supostas arquiconhecidas. Ele repete, remexe, recompõe tais conjuntos de palavras; e mais, e melhor: cada uma das palavras que entra em tais conjuntos tem a capacidade, efetivamente irritante, de “não querer dizer a mesma coisa” a cada vez que aparecem. Mas – texto, estilo, arte, palavra, ciência, etc. – querem sempre dizer “outra coisa”.

Atenção: que não se atribua a “outra coisa” teor excessivo de grave peso filosófico ou lógico.

Não; a graça não está nisso. A graça, desgraçada para os eternos sem graça das explicações pseudo-universitárias, está na *proximidade* – não na *distância* – das palavras usadas. O que há de estimulante para a análise é o proposital embaralhamento vindo da *proximidade*. Ou seja, há uma dificuldade de distinção entre significados de palavras que têm os mesmos significantes.

Desse modo – estimados carreiristas – deve ser perdoado a vocês que jamais compreendam (e jamais tenham compreendido) que o jogo das palavras de Gilberto Freyre possa ter *uma única definição correta*. Definição que vocês tentaram “aceitar” quando tinham poder acadêmico para tanto, e que agora tentam “historicizar”, “relativizar”; “amenizações” tão untuosas quanto, por si, imaginadas elegantes e comprobatórias de capacidade (certezal) de auto-realização política desses revisionistas-de-si.

O que há de difícil na definição de *ensaio* que aqui nos interessa não é sua “exata e comprometida” definição direitista; é a possibilidade de sua *indefinição*, estranha, mal-definida e sabiamente confusa. Uma indefinição que, em sua propositada confusão, permite que se atrapalhem – e tenham que (democraticamente, claro!) se autoflagelar os que “sabem” – e sempre “souberam” o que é “ideologia” e “cultura”.

Gilberto sabia outra coisa: que para ter espaço político para dizer o seu saber – sabia, repito, que tinha que flanquear o poder político institucional-universitário.

Antes que os neo-arrepentidos bem-remunerados de sempre se excitem, digo que Gilberto Freyre teve que “abrir espaço de saber” que lhe era negado pelos eternos gênios do saber-e-poder, facilmente localizáveis em atalhas da democracia paulicéia. O espaço que Gilberto Freyre *teve* que aluir, era, *também*, um espaço de saber; ele, Gilberto, teve poder político derivado do poder autoritário. As variações, deturpações, detalhes da ligação de Gilberto Freyre com o que, genericamente, estou chamando de

“poder autoritário” devem ser analisados de forma tão intensa quanto honesta. O “juízo final” desta análise provavelmente será surpreendente para os que *sempre* lutaram pela democracia. Não devemos, contudo, nos preocupar: os laboriosos historiadores do Bem já anunciam que perseveraram no “estabelecimento da verdade”.

No texto de Gilberto em questão, os leitores que “já o conhecem”, têm a mesma incômoda e atraente sensação: já leram aquele texto, já leram um texto parecido com aquele, o texto é uma confirmação de idéias já enunciadas e definidas. Mas ... aí vem a atração: o Autor é o mesmo, mas... também, não é ele como “foi”, pois o texto parece “arranhar”, parece um tanto “estranho” em relação aos textos anteriores lidos. Ou, com o perdão do atual pedantismo de expressão: há um “estranhamento” na leitura. O texto, a escrita é re-conhecida (mas o hífen, o próprio hífen... oscila e...).

O Autor repete, se-repete mas... para o leitor, este leitor que abaixo se assina, por exemplo, este leitor... não parece convencido. Convencido de quê? Em primeiro lugar (sem valoração hierárquica para “primeiro”) não parece convencido de que a repetição vai acontecer. Gilberto Freyre – por mais que possa se *repetir* passa a “sensação” de que isto não é um “mal” ou necessariamente um “mal”. Afinal, tanto é verdade que o “Mal” não é sempre o “Mal” que os que só viam o “Bem” nas ciências sociais brasileiras se tornaram ou “doníssimos” do poder sem ter lido o homem de bem que é Raymundo Faoro ou adeptos da autocritica (sem perda de prebendas).

Ou, *repetir* é a expressão do que é analiticamente correto; a repetição não é, ao contrário do que os “novidadeiros” sustentam, nada de “ruim”, “maligno” ou “reacionário”. Se não houvesse “repetição” não haveria clínica analítica. Indaguem-no, senhores!

Gilberto Freyre, em inúmeros momentos, usou o que vou chamar de *retórica* para defender suas posições. Na linha de pensamento que vimos defendendo, seria relevante lembrar que a inexatidão nocional de Gilberto Freyre e a reiterada impressão de leitura já-feita-mal-feita do texto não são, necessariamente ao menos, modos canhestros ou imprecisos de conceituação.

Posta esta discussão possível à parte, pode-se imaginar, com mais fruto, uma *intenção de baralhamento* em que o Autor determinadamente optaria pela *imprecisão* (haveria outras palavras menos fortes mas opto – protelando discussão eventual, posterior – por imprecisão).

Gilberto Freyre propositadamente – penso – estabeleceu no texto em pauta um *estilo de imprecisão*.

O que era uma *deliberação política* do Autor; ele não era impreciso porque não sabia ser preciso. Ele era impreciso quando *queria* ser impreciso. Ele queria ser impreciso porque: 1) queria ser impreciso; seu desejo o comandava;

ele não tinha lugar para a precisão, para a exatidão quer geográfica, quer política, quer conceitual; 2) ele não podia ser preciso porque era um ensaísta; não era “conceitual” por necessidade de ofício; se há qualquer sentido na idéia de “fundação” nas ciências sociais no Brasil, o lugar da *imprecisão* é o de Gilberto Freyre, com o da *teoria* é o de O. Prado e o de Sergio Buarque é o da *elegância*, talvez. Em Gilberto Freyre a idéia de “confusão nocional” surge como “defesa” bélica, não-freudiana: a “multiplicidade” e “alternância”, “imprecisão”, de noções como maneira de se *defender* de uma posição “única”, “limpida”, analítica, confundida com *o* saber; 3) a “confusão”: a repetição como *defesa* e constituição do eu; 4) sem a clareza: a “facilidade” de defesa pelo *imbróglio* brilhante ou pela exacerbação da ‘mistura’ de que vimos tratando; 5) a negação de posições: sem que sejam lembradas ou criticadas as (posições anteriores) que contraditariam cabalmente “outras” ou “novas” posições; 6) Gilberto Freyre chega, muitas vezes a dissolver a posição central, fundacional, coerente que poderia ter como Autor; 7) as arcaicas ideologias da Autoria certamente o imaginam como alvo perfeito, como exemplo de irracionalidade, e reverência e oportunismo; como tais ideologias são apologistas da mística integrista do número Um, respeitemo-las desde que: 8) lembremos que não ser *exemplar* como inimigo de tais ínclitas ideologias pode ser um bom indício para suspeitar... são apenas suposições... que Gilberto Freyre é *exemplar* também na criação de dificuldades para se fundir Autor & Obra. O que é trivialmente comprovado pela dificuldade que têm seus críticos obtusos – e seus neo-fanáticos – de ter uma posição unívoca sobre a metafísica do Autor & Obra. A dificuldade é solidamente enraizada; Gilberto Freyre não lhes dá “opção única”; eles têm de *relativizar*, aula magna da lição freyreana, e de *optar*, elegância suprema do saber.

Nota

¹ Freyre, Gilberto. *Alhos e bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios; de Joyce à cachaça; de José Lins do Rego ao cartão-postal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 9.

[†] Luiz Felipe Baêta Neves é Professor na UERJ, Pesquisador da FAPERJ na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, autor entre outros livros de *Vieira e a Imaginação Social Jesuítica – Maranhão e Grão-Pará*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.